

Tradução do inglês por LS, revisão e edição por CN, 11.01.2013

(original em: <http://www.revolutionarydemocracy.org/archive/guha.htm>)

O colapso do socialismo

Moni Guha¹

1993

Este documento foi apresentado em nome de Moni Guha numa «semana de estudo» organizada pelo Instituto Indiano de Estudos Avançados de Shimla em 1993.

¹ Moni Guha (1914-2009), militante pela independência da Índia desde jovem, entra para o PC da Índia em 1940. Foi um dos primeiros comunistas indianos a criticar o XX Congresso do PCUS, publicando um panfleto contra o revisionismo soviético, o qual foi distribuído aos delegados do congresso do PCI de 1958. Expulso do partido, participa na fundação várias organizações marxistas-leninistas próximas do maoísmo, nomeadamente o *Unity Centre of Communist Revolutionaries of India (Marxist–Leninist)* – UCCRI (ML), que se cindiu em 1976. Guha foi secretário-geral de uma das suas fracções até 1978, ano em que rompe com o partido e critica a teoria maoísta dos «Três Mundos». Foi igualmente um dos editores da revista *Proletarian Path* e fundador da Associação de Amizade Índia-Albânia. (N. Ed.)

Nota do Editor: A publicação deste trabalho não implica, naturalmente, total concordância com os pontos de vista nele defendidos. Esta ressalva refere-se em particular à caracterização do sistema económico e social vigente na URSS, após a morte de Stáline. Moni Guha considera que a URSS deixou de ser socialista logo a partir das reformas de Khruchov. Esta posição assenta numa análise correcta do carácter e consequências dessas reformas, claramente orientadas para a restauração das relações capitalistas de produção – o seu resultado lógico. Todavia, não leva em conta o facto de que tal desfecho não podia nem foi obtido imediatamente. Sendo certo que o processo revolucionário de construção do socialismo e da passagem ao comunismo foi então interrompido e revertido, a verdade é que não se tratou de um só acto, nem sequer foi um processo linear. É sabido que após a destituição de Khruchov algumas reformas foram abolidas outras mitigadas. Algo de semelhante aconteceu com as reformas de Kossíguine (1965), parte das quais nunca passaram de experiências já que a sua generalização exigia a destruição total do sistema socialista. Por isso, quando Gorbatchov lançou a perestroika, na segunda metade dos anos 80, voltou-se a ouvir falar com a mesma insistência da autonomia das empresas, do seu autofinanciamento, dos mecanismos do mercado, etc. Ou seja, 30 anos depois de iniciadas as reformas de mercado, a economia da URSS continuava, no essencial, a ser planificada, os meios de produção permaneciam nas mãos do Estado e o mercado «livre» apenas existia verdadeiramente no sector «clandestino» da economia paralela. Por outras palavras, apesar de enfraquecido, mutilado e em degeneração, o sistema socialista prevalecia sobre as formas capitalistas, inoculadas e estimuladas pelas sucessivas direcções revisionistas. Foi preciso destruir a URSS e ilegalizar o PCUS para restaurar integralmente as relações de produção capitalistas, e tal não se fez sem a transferência nominal da propriedade dos meios de produção para a nova oligarquia em formação.

Introdução

O objecto do nosso estudo é o «*colapso do socialismo*». Todavia o socialismo nunca colapsou, foi usurpado. Este é um facto histórico que está a ser negado. O que colapsou na Europa de Leste, em 1990, e na União Soviética, em 1991, foi o socialismo de mercado dos regimes revisionistas e não o socialismo marxista da ditadura do proletariado. E todos sabem que o socialismo de mercado e o revisionismo são ideologia e prática burguesas em traje marxista. É certo que, aqui e noutras paragens, alguns auto-intitulados marxistas continuaram a considerar a URSS como um Estado socialista, não obstante a sua liderança revisionista. Declararam-se com desenvoltura contra a *khruchovite* revisionista, mas mantiveram um estudado silêncio quanto ao problema da relação entre a ditadura do proletariado e a liderança revisionista. Identificar o governo revisionista do Estado soviético e o socialismo de mercado com socialismo marxista, não é mais do que embelezar o socialismo de mercado e o revisionismo ou, pior, fazer o jogo da burguesia. Quando alguém fala dos problemas da governação revisionista soviética e do seu socialismo de mercado como problemas do socialismo marxista, está a cobrir o socialismo marxista com o mesmo manto negro com que Khruchov o cobriu. A tomada do partido e do Estado pelo revisionismo não significa senão a destruição da ditadura do proletariado. Consequentemente, o socialismo marxista é aqui a vítima lógica. A tomada do poder pelo revisionismo apenas pode significar que a ideologia e prática burguesas ganharam a dianteira, e que a liderança proletária foi derrubada. Significa uma reestruturação das relações de propriedade a favor da propriedade privada e da exploração do homem pelo homem.

Como tal, o objecto do nosso estudo devia ter-se chamado «*O colapso do socialismo de mercado*». Seria científico e em conformidade com a verdade histórica.

No entanto, iremos debater aqui a política económica da União Soviética em dois períodos a saber: o período do socialismo marxista e o período do socialismo de mercado, mantendo-nos centrados nas relações da União Soviética com o mercado mundial e o imperialismo.

Espero que a questão do colapso fique clarificada ao longo do nosso estudo.

1. O socialismo num só país e o mercado mundial

A Revolução Socialista de Outubro pôs fim ao domínio total do sistema mundial de economia capitalista. Passou a existir um novo sistema económico, o sistema económico socialista. Quando a construção da economia socialista no jovem Estado soviético estava na sua fase inicial, Lénine disse:

«*Actualmente, é com a nossa política económica que mais influímos na revolução mundial. (...) Realizemos esta tarefa e então teremos ganho à escala internacional de forma segura e definitiva.*»²

² X Conferência de Toda a Rússia do PCR (b), 26-28 de Maio de 1921, Discurso no encerramento da conferência, V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, Ed. Avante! – Ed. Progresso, Lisboa – Moscovo, 1979, t. 3, pp. 523-524. (N. Ed.)

Estas palavras proféticas de Lénine ter-se-ão tornado realidade? Terá a política económica da União Soviética «*ganho à escala internacional de forma segura e definitiva*»?

Efectivamente ganhou.

Qual era a política económica de Lénine?

Com a criação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, em 1922, Lénine formulou três linhas básicas de orientação, designadamente, (I) um plano económico abrangente ao nível nacional, (II) a propriedade socialista dos meios de produção e (III) um crescimento económico independente com prioridade à indústria pesada. Após a morte de Lénine, Stáline seguiu estas linhas meticulosamente, concretizou-as e implementou-as. Prosseguiu as políticas de planificação centralizada da economia, que fez grandes progressos dependendo quase exclusivamente dos recursos domésticos e do mercado interno. Deve notar-se com particular cuidado que o sector do comércio externo, ou mercado externo, desempenhou um papel subsidiário, e portanto um papel menor, no processo de desenvolvimento, uma vez que foi confinado no essencial à importação de alguma tecnologia do mercado imperialista mundial. A exportação era considerada um pecado, por razões óbvias, enquanto a importação era geralmente favorecida, desde que levasse à melhoria do equilíbrio material e da base tecnológica da economia soviética. Deve também notar-se que o Estado socialista detinha o monopólio do comércio externo. Em geral, até à morte de Stáline, o comércio externo nunca foi um sector dinâmico da economia soviética, mesmo no período em que o socialismo foi instaurado em vários países.

Porque é que o sector comércio externo e do mercado externo não era dinâmico?

É bem sabido as relações económicas internacionais, desenvolvidas pelo capitalismo, têm um carácter capitalista, isto é, um carácter explorador e coercivo. Quando são estabelecidas, essas relações internacionais de produção adquirem uma determinada independência e exercem uma enorme influência, como uma lei objectiva, independentemente da vontade humana, no desenvolvimento interno dos países que entram na sua órbita. No mundo capitalista isto intensifica a desigualdade do desenvolvimento dos diferentes Estados: uns países ultrapassam os outros, fazendo emergir países dominantes e subordinados, e os últimos tornam-se, de uma forma ou de outra, dependentes dos primeiros. Este processo essencialmente explorador e coercivo produziu a divisão internacional do trabalho, sob a qual o mundo se dividiu em países industrialmente avançados e países industrialmente atrasados e fracos, perpetuando o atraso dos últimos. Um Estado socialista não pode ser parceiro neste processo coercivo e explorador das relações do comércio internacional.

Consciente deste processo, a União Soviética cooperou de uma forma muito limitada, mas não se integrou na esfera da concorrência do mercado mundial, dominado pelo imperialismo, através de importações e exportações de bens ou de capitais. Por isso, a política económica da União Soviética era independente mas não autárca. Um Estado que toma parte no processo explorador e coercivo do capitalismo e da economia mundial e cuja consigna é obter lucros no mercado concorrencial capitalista, não pode ser um Estado socialista.

Permitam-me citar uma declaração política da União Soviética, publicada em 1938, sobre os objectivos das exportações e importações. Dizia:

«(...) *As importações da URSS são planificadas de modo a contribuírem para a rápida libertação do país das importações*».

«(...) Na execução do plano socialista de industrialização é necessário importar equipamentos acabados e as mais modernas máquinas para a construção de “gigantes”, para a organização da nossa própria produção destas mesmas máquinas, para assegurar a nossa independência económica e técnica das nações capitalistas.»

«O objectivo principal das exportações soviéticas é obter reservas de moeda estrangeira para o país. A URSS apenas exporta os seus produtos para pagar os produtos importados em relativamente pequenas quantidades, que são necessários para acelerar a execução do plano económico nacional, portanto, a dinâmica das exportações é definida pelo plano que é elaborado tendo em conta o volume planificado de importações.»³

Isto decorre logicamente da política atrás referida de que a URSS, durante todo o período de socialismo marxista e até à morte de Stáline, pugnou por um equilíbrio comercial num nível muito limitado de exportações e importações. Estas trocas tinham uma natureza muito pouco comercial, uma vez que não eram realizadas pela URSS no intuito de obter «lucros». Assim, a questão da importação ou exportação de capitais não se colocava na economia soviética.

Esta era a política económica soviética em relação à economia mundial, durante o período do socialismo num só país. Daqui pode-se facilmente avaliar que a superioridade da economia socialista não era uma superioridade na concorrência comercial no mercado mundial. Era uma superioridade política, económica e moral do sistema económico socialista sobre o sistema económico capitalista relativamente à questão da exploração do homem pelo homem.

2. O socialismo em vários países

A emergência das democracias populares em vários países requeria a sua cooperação mútua no plano económico para que o campo socialista se fortalecesse como um todo. Claro que isso não significava qualquer alteração na política económica independente da União Soviética – a política de não integração no processo coercivo e explorador da economia mundial dominada pelo imperialismo.

Em Janeiro de 1949 teve lugar uma conferência para definir a política económica soviética em relação aos países das democracias populares do Leste da Europa, na qual participaram delegados destes países e da União Soviética, que decidiram constituir o Conselho de Assistência Mútua Económica (CAME).

Nessa conferência constatou-se que os países membros das democracias populares apresentavam grandes diferenças nos respectivos índices de industrialização. Num certo sentido, mas apenas num certo sentido, as relações entre as repúblicas nacionais da URSS serviram aqui de modelo. Sob o socialismo, os territórios periféricos e colónias da Rússia tsarista, que antes da revolução eram atrasados em comparação com as regiões centrais, tornaram-se poderosas repúblicas industriais e agrícolas. Foi a política socialista no conteúdo e nacional na forma que constituiu a garantia para ultrapassar os atrasos, elevar as taxas de crescimento económico e até alcançar os níveis mais avançados de desenvolvimento, com um enorme crescimento das forças produtivas. Só

³ D.D. Michustine, *Vnéchnaia Torgóvliá SSSR*, Moscovo, 1938, p. 9.

uma tal política podia inspirar confiança para uma cooperação consciente e voluntária na base da igualdade.

Assim, as principais tarefas dos países do CAME visavam directamente a eliminação das gritantes desigualdades entre os países do campo socialista.

Os principais resultados do CAME durante o período entre 1949 e 1953 foram os seguintes:

1) A conclusão de acordos bilaterais de comércio a longo prazo, que foram aprovados na segunda reunião do CAME, em Agosto de 1949.

2) A disponibilização de documentação de carácter técnico, sem encargos, e o intercâmbio de pessoal com formação técnica e científica entre os estados membros, para permitir a troca de experiências com benefícios mútuos entre países e prestar ajuda aos mais atrasados na sua industrialização e desenvolvimento económico.

3) O comércio e as trocas económicas entre os estados membros realizavam-se, *não na base dos preços mundiais*, mas na base de um custo estimado, apurado após aprofundadas análises.

4) Os países do CAME recusaram a cooperação com o «Plano Marshall» e decidiram não se integrar no processo coercivo e explorador da economia mundial de mercado dominado pelo imperialismo.

Em resultado desta política, o volume da produção industrial em 1954, comparado com o de 1938 (pré-guerra), aumentou nas seguintes proporções: Polónia – 4,6 vezes; Checoslováquia – 2,3 vezes; Roménia – 4,7 vezes; RDA – cerca de duas vezes (comparado com 1939); Bulgária – 4,9 vezes e Hungria – 3,5 vezes (comparado com 1939).

Devido ao bloqueio e à não cooperação com a economia mundial, o surgimento de uma economia mundial de mercado socialista tornou-se, então, um facto. Não sabemos o que teria acontecido se Stáline continuasse vivo. Stáline morreu em Março de 1953.

Como vimos, a superioridade da economia socialista não se afirmava em termos de concorrência comercial no mercado mundial, era uma superioridade política, económica e moral do sistema económico socialista sobre o sistema económico capitalista. Mesmo em 1930, quando o mundo capitalista se afundou numa profunda crise, a União Soviética prosseguiu o seu plano quinquenal sem sofrer qualquer crise, tendo já nessa altura conseguido resolver o problema do exército de reserva de desempregados. O facto de a política económica soviética ter demonstrado, logo nos anos 30 [*do século XX*], a sua superioridade face à economia capitalista é comprovado por vários exemplos.

Saberão porquê e como Keynes se apressou a alterar e corrigir a teoria económica burguesa do equilíbrio automático entre a oferta e a procura, que Marx há muito havia criticado em *O Capital*. Keynes teve de admitir que a intervenção do Estado na gestão da economia era necessária. Saberão como e porquê a teoria burguesa da «*economia mista*» entrou na ordem do dia. Saberão que a tremenda influência do sucesso dos planos quinquenais da União Soviética fez com que o sólido campo dos economistas burgueses se desintegrasse e dividisse em várias escolas, nomeadamente a keynesiana, Robinsiana e a de Sweezy-Baran, etc., que emergiram com matizes de economia marxista.

Lénine dizia:

«A produtividade do trabalho é, em última análise, o mais importante, o principal para a vitória do novo regime social. (...) O comunismo é uma produtividade do

trabalho mais elevada que a do capitalismo, obtida voluntariamente por operários conscientes e unidos que utilizam uma técnica avançada.»⁴

Durante o período de Stáline e do socialismo marxista, nem os economistas burgueses puderam negar a relativamente alta taxa de crescimento da produtividade laboral na União Soviética. Entre 1930 e 1940, a taxa média de crescimento da indústria pesada soviética foi de 16 por cento, enquanto nos Estados Unidos da América, no período de industrialização, entre 1870 e 1890, a taxa anual média de crescimento da indústria transformadora foi de sete por cento.

A taxa de crescimento da produtividade laboral era também mais elevada na URSS. Nos EUA, em 1949, a produtividade laboral era 113 por cento superior à registada em 1939, enquanto na URSS, em 1950, era 137 por cento superior à taxa registada em 1940, e, em 1953, 144 por cento superior em relação a 1950.

Que concluir, então? O socialismo marxista e Stáline não podem ser responsabilizados pelo colapso. O socialismo marxista e Stáline deixaram a União Soviética, juntamente com as democracias populares, como uma grande potência mundial que saiu vitoriosa no embate contra o fascismo. No tempo de Stáline foram levadas a cabo a industrialização do país e a colectivização da agricultura, e foi criada uma verdadeira família multinacional soviética de povos da URSS. O socialismo marxista e Stáline despertaram a União Soviética, arrancaram-na da fome e da pobreza e fizeram dela um país avançado em todos os sentidos, e deste modo despertaram o mundo. Os povos do mundo, juntamente com o povo soviético, têm uma memória viva e indelével daquele período, em que não havia desemprego ou inflação, crise ou desigualdade social.

Portanto, a atoarda do colapso do socialismo é uma mentira goebbellsiana proveniente de sectores interessados que se empenham em reescrever a história, apagando das suas páginas o período do mercado socialista na União Soviética e no Leste da Europa.

Passemos à política económica do socialismo de mercado e ao seu colapso.

3. A política económica do socialismo de mercado

O que é o socialismo de mercado e quais as suas diferenças e semelhanças com o socialismo marxista? Do ponto de vista político-ideológico, a teoria do socialismo de mercado, e as suas diversas variantes desde os tempos de Proudhon e de Dühring, é uma negação aberta da ditadura do proletariado e do seu papel na gestão da economia, a negação da propriedade socialista sobre os meios de produção e da planificação da economia socialista.

No «*socialismo*» deles, elementos da propriedade privada, do livre mercado e da concorrência no comércio e transacções, por um lado, coexistem com elementos da propriedade social e da planificação, por outro. O «*socialismo*» deles é uma sociedade híbrida, onde a economia é regulada e funciona através da cooperação, condicionando-se e complementando-se mutuamente tanto os elementos da distribuição espontânea dos recursos de mão-de-obra e materiais como os elementos da regulação estatal do processo

⁴ *Uma Grande Iniciativa (Sobre o heroísmo dos operários da retaguarda. A propósito dos sábados comunistas)*, Julho de 1919, V. I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, ed. cit., t. 3, pp. 154-155. (N. Ed.)

reprodutivo, tanto o funcionamento espontâneo dos mecanismos do mercado como a planificação estatal directa.

Estas são as semelhanças e as diferenças. É uma mistura de elementos do capitalismo com elementos do socialismo.

O conceito de socialismo de mercado, na sua forma mais acabada, foi trabalhado e aplicado através das chamadas reformas levadas a cabo nos países onde os revisionistas modernos chegaram ao poder. Este conceito está na base de todo o processo regressivo de restauração completa do capitalismo e de integração da economia no sistema económico mundial capitalista, que teve lugar na União Soviética imediatamente após a morte de Stáline.

A usurpação da ditadura do proletariado pelos socialistas de mercado pode parecer repentina para alguns, mas foi uma longa luta renhida de dentro do PCUS.

Nos 30 anos que separam a morte de Lénine da de Stáline, o revisionismo no PCUS passou por três fases definidas de desenvolvimento: o trotskismo, nos meados dos anos 20, o bukharinismo, em finais dos anos 20, e o seu último desenvolvimento que tomou a forma de khruchovismo. Ainda durante a vida de Stáline, o representante mais eminente desta tendência foi N. Voznessénski.

Na luta contra o trotskismo, a questão do socialismo de mercado não era central. No entanto, Trótski pertenceu às fileiras dos socialistas de mercado. Juntou-se-lhes com o panfleto «*A economia soviética em perigo*» (1933), onde afirma categoricamente que «*a contabilidade económica é impensável sem relações de mercado*».

O socialismo de mercado foi uma das questões na luta contra Bukhárine. Este e o seu grupo eram pelo livre desenvolvimento dos elementos capitalistas, tanto na cidade como no campo, pelo livre mercado como regulador da economia e contra a industrialização socialista e a colectivização.

Em 1948, N. Voznessénski, presidente da Comissão de planificação Estatal [*Gossplan*] e membro do *Politburo* do Comité Central do PCUS, publicou a *Economia de Guerra na URSS*, onde afirma:

«*A mercadoria na sociedade socialista desconhece o conflito entre o seu valor e o valor de uso, tão característico da sociedade mercantil capitalista onde é gerado pela propriedade privada dos meios de produção.*»⁵

«*A lei do valor é uma lei transformada na economia soviética*»,⁶ etc. Ele era a favor do aumento do papel da lei do valor na economia soviética, quando a questão que estava ordem do dia era a progressiva restrição da esfera de influência e do papel dessa mesma lei do valor.

Voznessénski lançou uma «reforma económica» na região de Leningrado, que visava integrar a produção industrial no quadro do mercado.

Em Julho de 1950, os socialistas de mercado sofreram um revés quando Voznessénski foi preso e executado. Mas em 1953, após a morte de Stáline, os socialistas de mercado levantaram novamente a cabeça e conseguiram consolidar as suas posições.

Esta é a história da usurpação do socialismo marxista e da ditadura do proletariado. Marx notou no seu *O Capital* que a mercadoria é a célula económica básica da sociedade

⁵ N. Voznessénski, *A Economia de Guerra na URSS, no período da guerra patriótica*, Gospolitizdat, Moscovo, 1948, p. 121. (N. Ed.)

⁶ Idem, *ibidem*, p. 148. (N. Ed.)

burguesa. Deste modo, quando os revisionistas khruchovianos traçaram a rota em direcção a esta sociedade e à restauração do capitalismo na União Soviética, tiveram de engendrar uma «teoria» sobre uma categoria de mercadoria que lhes permitisse livrarem-se de todas as limitações que impediam o funcionamento livre e geral do mercado na economia soviética. Para alargar a produção mercantil a todos os produtos do trabalho, tiveram, em primeiro lugar, de rejeitar a tese marxista-leninista sobre o carácter restritivo da produção de mercadorias no socialismo. Assim, incluíram na categoria de mercadoria os meios de produção e toda circulação económica do país. E isto foi feito para concretizarem o seu objectivo, pois, como Marx escreveu: «*Para a sociedade burguesa, porém, a forma-mercadoria do produto de trabalho ou a forma-valor da mercadoria é a forma económica celular.*»⁷

A aceitação da «tese» de que a produção de mercadorias no socialismo se estende tanto à esfera da produção de bens de consumo como à esfera da produção de meios de produção levaria, em última instância, como na realidade levou, à aceitação da outra tese de que a lei do valor actua igualmente de forma directa na esfera da produção. A lei do valor actua obrigatoriamente sem limites sempre que existe produção mercantil irrestrita.

A aceitação da tese sobre a actuação ilimitada, fora de qualquer controlo, da lei do valor conduz fatalmente, como na realidade conduziu, à aceitação da outra tese sobre o papel da lei do valor como regulador da produção socialista. A acção ilimitada da lei do valor no socialismo conduz, deste modo, como na realidade conduziu, à restrição da esfera de acção da lei do desenvolvimento planificado e harmonioso da economia.

Em resultado, em vez da produção se destinar à satisfação das necessidades crescentes do povo trabalhador, a produção nos países socialistas de mercado passou a ter o lucro como seu único objectivo, tal como nos países capitalistas.

Qual a diferença fundamental entre a economia planificada do socialismo marxista e a do socialismo de mercado?

A produção industrial tem lugar num complexo de unidades fabris. Se a produção nas várias fábricas for determinada por um plano nacional de produção, e se todo o complexo de fábricas estiver directamente consignado aos diferentes objectivos estabelecidos pelo plano, então o processo produtivo, apesar de fisicamente dividido por várias fábricas, *não é do ponto de vista social um processo privado*. Porém, se as diferentes fábricas decidirem elas próprias o que produzem e se o total de produtos de todas as fábricas for distribuído entre os vários interessados (as várias fábricas e os consumidores individuais) por intermédio do mercado, então, do ponto de vista social, o processo de produção fica fragmentado em produtores privados. O carácter privado da produção não depende, em última análise, de uma escritura que formalmente atribui a propriedade de cada fábrica a um qualquer indivíduo.

Partindo deste ponto de vista podemos perguntar: Após a nova reforma económica realizada na União Soviética pelos socialistas de mercado, que tipo de relações existia entre as fábricas, privado ou socializado? Vejamos então.

«*Tudo o que produzem é vendido ou a outras empresas ou à população. O dinheiro assim recebido cobre não apenas os custos de produção mas também garante uma*

⁷ K. Marx, *O Capital*, prefácio à primeira edição alemão, Ed. Avante! – Progresso, Moscovo – Lisboa, 1990, Primeiro Volume, Livro I, p. 6. (N. Ed.)

certa margem de lucro. O lucro destina-se a financiar as necessidades da própria empresa e uma parte vai para o orçamento do Estado.»⁸

Esta citação, além testemunhar o carácter privado da fábrica, revela também que o lucro é auferido pela própria empresa e se destina às suas necessidades. O lucro de uma empresa não representa nem pode representar uma parte do total do lucro social de todo o trabalho socialmente necessário. Logo, não se trata de lucro social de uma sociedade socialista, mas do lucro de uma dada empresa, semelhante ao lucro capitalista.

«Sob o novo sistema de gestão económica e planificação, cada empresa negocia com os seus parceiros comerciais as quantidades e os termos da entrega dos bens, da sua fabricação e consumo»⁹

Isto significa que o processo produtivo é privado.

Aqui jaz a diferença entre socialismo marxista e socialismo de mercado. E não devíamos apresentar o problema do socialismo de mercado como um problema do socialismo marxista.

Isto chega no que toca à economia interna do socialismo de mercado da União Soviética. Passemos agora às suas relações internacionais.

Stáline morreu em 1953. Em 1954, a União Soviética pôs ênfase nas relações comerciais externas. O *Manual de Economia Política* oficial publicado em 1954 afirmava:

«O comércio externo sob o socialismo é usado para uma maior satisfação das necessidades crescentes da sociedade. Serve como uma fonte adicional de recursos para o desenvolvimento da produção e melhoria do abastecimento da população com bens de consumo».¹⁰

Trata-se de uma clara rejeição da política do socialismo marxista seguida por Stáline, que conduz à integração da economia soviética no processo coercivo e explorador da economia mundial.

N.N. Inozemtsev, director do Instituto de Economia Mundial e de Relações Internacionais da Academia de Ciências da URSS, no seu artigo intitulado *«Socialismo e cooperação internacional»*, concluiu que a URSS ganharia *«com o desenvolvimento de relações económicas externas, em geral, e com os países capitalistas, em particular»*.¹¹

A União Soviética concluiu tratados de cooperação comercial e económica com os EUA, em Outubro de 1972, e com a República Federal da Alemanha, em Maio de 1973.

Tudo isto significa a entrada livre do capital imperialista na URSS, contra o qual os bravos e valentes trabalhadores da União Soviética combateram com unha e dentes.

Já se questionaram sobre a razão de tanta insistência nas relações económicas externas num país socialista que teve um desenvolvimento glorioso e histórico, assente nos recursos domésticos, na inovação interna, no seu mercado nacional, e que recusou utilizar a ajuda Marshall mesmo depois da enorme devastação sofrida durante a II Guerra Mundial?

⁸ V. Dayachenko: «Econometry, the market and planning»; Novosti Press Agency Publishing House; Moscovo; 1971.

⁹ Idem, *Ibidem*, p. 87

¹⁰ *Manual de Economia Política*, Instituto de Economia da Academia das Ciências da URSS, Moscovo, 1954, p. 515. (N. Ed.)

¹¹ *Pravda*, Moscovo, 16 de Maio de 1973.

Isto aconteceu porque a União Soviética não era mais um país socialista, porque se tornou num país de socialismo de mercado.

Passemos agora às relações económicas da URSS com os países do CAME e os países em desenvolvimento.

«A divisão internacional socialista do trabalho de forma alguma implica autarcia do lado do campo socialista (...) Quanto mais desenvolvida é a divisão socialista do trabalho, maiores são as oportunidades de trocas entre os dois sistemas». (...)

«O facto de os preços mundiais serem usados como primeira base para a formação dos preços no mercado socialista indica que o mercado socialista e o capitalista são parte de um único mercado mundial».¹²

Os marxistas sempre defenderam que o socialismo aboliria essa maldita divisão do trabalho. Marx disse:

«Com a divisão do trabalho, na qual estão dadas todas estas contradições (...) está ao mesmo tempo dada também a repartição, e precisamente a repartição desigual, tanto quantitativa como qualitativa do trabalho e dos seus produtos, e portanto a propriedade (...) com a divisão do trabalho está dada a possibilidade, mais, a realidade de a actividade espiritual e a actividade material, o prazer e o trabalho, a produção e o consumo caberem a indivíduos diferentes; a possibilidade de não caírem em contradição reside na superação da divisão do trabalho».¹³

Enquanto Marx disse que para acabar com as contradições inerentes à divisão do trabalho era necessário negar a própria divisão do trabalho, os socialistas de mercado dizem: *«quanto mais se desenvolver a divisão socialista do trabalho, maiores serão as oportunidades de trocas entre os dois sistemas»*. E não apenas isto. A *«teoria»* do socialismo de mercado também diz que *«a divisão socialista internacional do trabalho» «liberta a divisão do trabalho da sua forma antagónica»*.¹⁴

Esta é a diferença entre o marxismo e o socialismo de mercado.

E o que são os preços mundiais *«usados como primeira base para a formação dos preços»* no mercado socialista?

De acordo com a economia marxista, o padrão mundial de preços apenas coloca os países desenvolvidos em posição de explorar os menos desenvolvidos. O conjunto do intercâmbio comercial entre um país desenvolvido, que troca bens manufacturados, e um país atrasado, que troca bens primários, é organizado pelos imperialistas de tal maneira que se torna sistematicamente desvantajoso para o país atrasado e vantajoso para o país desenvolvido. A diferença dos níveis de produtividade entre os dois tipos de países (o atrasado é menos produtivo e qualificado, o desenvolvido é mais produtivo e qualificado) é um facto. Em resultado disto, mais trabalho do país atrasado é trocado por menos trabalho do país desenvolvido. E é a isto que se chama uma *«troca desigual»*. É uma troca desigual entre o país desenvolvido e o atrasado, mediante a qual a classe capitalista (e os socialistas de mercado) dos países desenvolvidos obtém ganhos à custa do povo do território atrasado, ainda que um país desenvolvido venda mais barato do que outro país desenvolvido. É a exploração capitalista pura e simples.

¹² *World Marxist Review*, «The international division of labour», Dezembro de 1958.

¹³ «Feuerbach. Oposição das Concepções Materialista e Idealista», Capítulo Primeiro de *A Ideologia Alemã*, K. Marx F. Engels, *Obras Escolhidas* em três tomos, Ed. Avante! – Progresso, Lisboa – Moscovo, 1982, t. 1, pp. 24 e 23. (N. Ed.)

¹⁴ *World Marxist Review*, *ibidem*.

Marx chamou à atenção para esta troca desigual:

*«Os capitais investidos no comércio externo podem render uma taxa de lucro mais elevada, porque aqui, em primeiro lugar, concorre-se com mercadorias produzidas por outros países com facilidades de produção mais diminutas, de tal modo que o país mais avançado vende as suas mercadorias acima do valor delas, apesar de [as vender] mais barato do que os países da concorrência».*¹⁵

Os socialistas de mercado da União Soviética, rejeitando e repudiando a política económica socialista marxista de não envolvimento e não integração no processo coercivo e explorador do mercado mundial, e seguindo a divisão internacional do trabalho capitalista, baseada nos preços do mercado mundial imperialista, que lhes servia de primeira base para a formação dos preços, passaram a lucrar a expensas do CAME e dos países atrasados da Ásia, África e da América latina, competindo de forma capitalista com os concorrentes imperialistas.

Deste modo, a União Soviética perdeu o seu carácter socialista.

Quem, então, deve ser culpado pelo colapso?

A culpa reside directamente em todos os líderes revisionistas que dirigiram a União Soviética durante aqueles 40 anos após a morte de Stáline, a culpa reside na renúncia do socialismo e do marxismo-leninismo e na restauração do capitalismo iniciada por Khruchov no célebre XX Congresso do PCUS.

Não, não foi o socialismo que colapsou, o que colapsou foi o socialismo de mercado.

¹⁵ K. Marx, *O Capital*, ed. Avante, Lisboa, 2012, Terceiro Volume, Livro III, tomo VI, p. 269. (N. Ed.)